

**POESIA E MEMÓRIA:
ESTRATÉGIAS SOCIOCOGNITIVAS DE LEITURA
PARA A FORMAÇÃO DE UM LEITOR PROFICIENTE²¹⁴**

Mario Ribeiro Morais (UFT/UAB)
moraismarioribeiro@gmail.com

Márcio Araújo de Melo (UFMG/UFT)
marciodemelo@mail.uft.edu.br

RESUMO

A memória é apresentada como deiscência da percepção fenomenológica, cuja dimensão possibilita a abertura intelectual e a existência do duplo. A memória é nosso senso histórico, nosso senso de identidade pessoal, é a historicidade da vida. A memória é formada socialmente e envolve processos cognitivos interpsicológicos e intrapsicológicos. A cognição distribuída postula que o uso do ambiente na elaboração cognitiva da leitura favorece a ação cognitiva. Sendo diversificados, os processos sociocognitivos implicados na leitura podem ser agrupados em duas categorias: os processos de nível inferior e os processos de nível superior (CRUZ, 2007). Responsáveis pela ativação desses processos, os neurônios da região occipito-temporal esquerda reconhecem a forma visual das palavras. Eles distribuem as informações visuais a numerosas regiões, distribuídas por todo o hemisfério esquerdo (implicadas na representação do significado, da sonoridade e da articulação das palavras). Cada neurônio possui arborizações pelas quais ele escuta as informações de milhares de outros neurônios com os quais está em contato. Os sinais que formam as memórias e os pensamentos se movem por meio de uma célula nervosa individual como uma minúscula carga elétrica. Os neurônios entram em contato com outras células nervosas por meio de sinapses elétricas e químicas no ato da leitura, os chamados neurotransmissores (DEHAENE, 2012). A leitura de poesias contribui para a formação de novas memórias pelas evocações das imagens textuais. Tendo em vista que o estudo das estratégias de leitura no processo de ensino de leitura literária poética é fundamental para a plasticidade neural ou para a cristalização da arquitetura neuronal, este trabalho, perfazendo duas partes distintas, mas complementares, investiga estratégias sociocognitivas de leitura para a formação de um leitor proficiente (cariz teórica), e implanta em aulas de leitura as estratégias investigadas numa turma de 9º ano do EF do CGTI Augusto dos Anjos em Palmas/TO (parte empírica).

Palavras-chave:

Poesia e memória. Estratégias sociocognitivas de leitura. Leitor proficiente.

²¹⁴ Este artigo resulta de trabalho apresentado na IX Jornada Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos, realizado pelo Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, no dia 5 de novembro de 2014.

1. Introdução

As profundas mudanças e as transformações sociais, políticas, econômicas, culturais e tecnológicas que delinearão o século passado e o atual geraram mudanças de paradigmas e o aprimoramento de novas demandas de interação social. Essas demandas têm contribuído para que a leitura ganhe ainda mais importância. Conhecimento e informação, via leitura, são fórmulas de aquisição de empoderamento, de autonomia, de independência, de elevação do nível cultural e cognitivo de uma sociedade que se organiza pela leitura.

O impacto das inovações tecnológicas, nos campos da comunicação e da informação, com o surgimento de novas mídias e meios de interação pelas redes sociais, parece ter influenciado a sociedade de forma definitiva. A quantidade de informações veiculadas pela indústria cultural de massa, como também a velocidade com que circulam tornaram a proficiência leitora uma necessidade básica.

A leitura envolve processos cognitivos que são definidos socialmente. A cognição ou a mente humana é formada em sociedade. A formação social da mente envolve processos cognitivos interpsicológico e intrapsicológico. No nível inter-relacional, o ambiente material e social são alguns dos potenciais para a formação da mente e/ou da memória (HUTCHINS, 2000).

A memória, formada e impactada pelo âmbito social, ganha relevo nos processos cognitivos da leitura. A memória é o senso histórico e o senso de identidade pessoal de cada leitor. Presente, passado e futuro podem ser evocados pela leitura através de imagens e representações. A memória é as experiências individuais do homem, mas que são construídas coletivamente (IZQUIERDO, 2002). Nesta linha, a leitura é uma das ferramentas indispensáveis à vida em sociedade. O sucesso escolar, o sucesso profissional, a liberdade e a ascensão social, bem como a autonomia do leitor, dependem, em grande parte, da capacidade proficiente de leitura.

O texto literário, a poesia, se constitui como um aporte para a formação de leitores críticos, autônomos, conscientes de sua função social. O leitor proficiente sabe interpretar a gama de informações que o cerca, sabe compreender a volatilidade do mundo, a instabilidade da vida, deixa-se (re)construir pela leitura do texto literário. Esse processo de (re)construção do leitor empírico pelo caminho da leitura se concretiza na interação do texto com o leitor, de modo que este se deixe transformar

por aquele, favorecendo a formação da consciência, da memória e da identidade ideológica, requisitos para a formação de leitores empíricos que atendam não só as exigências do mercado, como também a compreensão do ser e estar no mundo.

A leitura do texto literário poético aciona o nível de compreensão que vai além da significação imanente das palavras, encontrando seu sentido no contexto histórico, cultural, social e cognitivo. Essa interação entre texto e leitor, onde aquele só se completa neste, a recíproca também é verdadeira, favorece ao indivíduo a sua própria representação dentro do texto. A leitura prazerosa do texto poético, por meio de estratégias socio-cognitivas, amplia o horizonte de conhecimento, de experiências e de satisfação do leitor.

Compagnon (1999) define o estilo literário como um suplemento que acrescenta algo ao sentido cognitivo, sem modificá-lo, uma variação ornamental uma invariante semântica, uma valorização, uma acentuação da significação por outros meios, sobretudo expressivos. Ainda conforme esse autor,

A literatura tem, pois, uma existência dupla e heterogênea. Ela existe independente da leitura, nos textos e nas bibliotecas, em potencial, por assim dizer, mas ela se concretiza somente pela leitura. O objetivo literário autêntico é a própria interação do texto com o leitor. (COMPAGNON, 1999, p. 149)

O texto poético ou literário só se cristaliza na leitura, pois nesta atividade cognitiva, o leitor compreende ou dá sentido ao texto a partir de suas experiências formadas socialmente. Essas experiências são evocadas pela memória durante o processo da leitura.

Considera-se que a escola – agência privilegiada pelo desenvolvimento do prazer pela leitura do texto literário – acaba, paradoxalmente, inviabilizando a formação de leitores empíricos, críticos, que estão inseridos num mundo de constantes mudanças societais. Instituição escolares ainda estão presas a um passado de práticas descontextualizadas, não-estimulantes, que não favorecem a fruição do texto literário.

Indo de encontro à conjuntura de várias escolas contemporâneas, que não tem contemplado as constantes mudanças sociais e cognitivas nas quais os alunos estão inseridos, há uma necessidade de incorporação de diversos recursos/estratégias de leitura que aproximem a poesia, fazendo-a fruir na sala de aula. Ler a partir de estratégias valoriza tanto o texto literário, quanto a aprendizagem do aluno/leitor. Aprendizagem implica formação de memórias de longo prazo e desenvolvimento da arqui-

tetura neural. Consequentemente, melhora-se os índices internos e externos. Tendo em vista tais considerações, a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar estratégias sociocognitivas da leitura de poesia para a formação de um leitor proficiente, e como empiria, implementar o projeto de leitura *Poesia e Memória* numa turma do 9º ano do ensino fundamental do Colégio Girassol de Tempo Integral Augusto dos Anjos, em Palmas/TO.

2. Processos cognitivos implicados na leitura

A leitura é uma atividade cognitiva complexa que envolve uma série de processos psicológicos de níveis diferentes. Ela começa por um estímulo visual e termina com a compreensão de um texto.

Ehri *apud* Cruz (2007) define os seguintes processos: o conhecimento da linguagem; o conhecimento do mundo; conhecimento metacognitivo; memória do texto; conhecimento do sistema grafofônico; e acesso ao léxico.

Os processos cognitivos implicados na leitura podem ser agrupados de diferentes modos. Por seu lado, Cruz (2007) apresenta uma organização em dois grupos ou blocos de processos: os de *nível inferior*, que se referem ao componente de descodificação; e os de *nível superior*, que dizem respeito ao componente de compreensão. Esses dois blocos são subdivididos em quatro módulos de processos cognitivos. A descodificação envolve os módulos perceptivo e léxico, e a compreensão envolve os módulos sintático e semântico.

2.1. Processos de nível inferior ou de descodificação

A descodificação envolve os módulos perceptivos e léxicos. Por seu lado, os processos perceptivos, ou de descodificação propriamente dita das palavras, têm por objetivo decifrar as palavras, ou seja, analisar e identificar os padrões visuais para transformá-los em sons. Por outro lado, os processos léxicos, ou de acesso léxico, correspondem à procura e recuperação dos significados das palavras numa espécie de dicionário interno, o qual é composto por todas as palavras que a pessoa conhece e é denominado de léxico interno. De seguida faz-se uma breve referencia a estes processos.

2.1.1. *O módulo perceptivo*

“A leitura parte de um conjunto de estímulos visuais, ou símbolos gráficos, que devem ser percebidos e identificados, para posteriormente serem decifrados” (VEGA, *apud* CRUZ, 2007, p. 61). Esta tarefa envolve várias operações consecutivas, a primeira das quais é a de orientar os olhos para os diferentes pontos do texto que se quer processar, isto é, os movimentos oculares. Estes movimentos são, então, seguidos por uma análise visual, a qual envolve processos de extração de informação, que têm a ver com a memória icônica e com a memória de trabalho e onde se efetuam tarefas de reconhecimento e análise linguística. Na memória icônica não se realiza nenhum tipo de interpretação cognitiva, o que esta faz é, durante um espaço de tempo muito curto de aproximadamente 250 minutos, manter grandes quantidades de informação em estado puro, para que esta possa ser processada. A memória de curto prazo ou de trabalho é capaz de reter a informação durante mais tempo, entre 15 e 20 segundos, permitindo assim que esta possa ser analisada.

Os movimentos oculares envolvem os *movimentos sacádicos*, quando os olhos avançam em pequenos saltos, os quais se alternam com períodos de fixação, quando os olhos permanecem imóveis. Enquanto os períodos de fixação permitem ao leitor perceber uma fração da informação escrita, pois esta é orientada para a *fóvea* (pequena depressão no centro da retina que, correspondendo à área de fixação, é o local onde a visão é mais nítida, ou seja, é a zona de maior acuidade visual do olho humano), os movimentos sacádicos permitem a passagem para uma outra fração do texto, com o objetivo de se continuar a assimilação da informação (CRUZ, 2007).

2.1.2. *O módulo léxico*

Para além da perceptiva, a descodificação implica também uma dimensão léxica, de procura e recuperação dos significados das palavras no léxico interno. Os processos de acesso ou recuperação léxica são geralmente analisados com base no modelo de dupla via ou dual que, pressupondo um sistema de escrita de tipo alfabético, perspectiva duas maneiras de acesso ao léxico: uma via direta, visual, ortográfica ou léxica, que permite a conexão do significado com os sinais gráficos através da intervenção da memória global das palavras; e uma via indireta, fonológica ou sublética, que recupera a palavra mediante a aplicação das regras de correspondência entre grafemas e fonemas, levando a que se alcance o

significado.

2.2. Processos de nível superior ou de compreensão

A compreensão de um texto é o produto de um processo regulado pelo leitor e no qual se produz uma interação entre a informação armazenada na memória daquele e a proporcionada pelo texto (CRUZ, 2007).

Lyon *apud* Cruz (2007) sugere a existência de quatro níveis ou tipos de compreensão, que são: “compreensão literal; compreensão interpretativa; compreensão avaliativa ou crítica; e compreensão de apreciação”.

A leitura não acaba com o reconhecimento das palavras, mas indo além, existe o nível de compreensão, o qual se relaciona com o processo sintático (ordem das palavras; tipo e complexidade gramatical da oração; categoria das palavras; aspectos morfológicos das palavras etc.) e com o processo semântico (que vai além da captação dos significados e se encarrega de os integrar com os previamente adquiridos).

2.2.1. O módulo sintático

O módulo sintático se refere à habilidade para compreender como as palavras estão relacionadas entre si, isto é, refere-se ao conhecimento sobre a estrutura gramatical básica da língua. Deste modo, uma vez que a leitura, e sobretudo a compreensão da leitura, supõe que as palavras estejam agrupadas em estruturas gramaticais, então o conhecimento gramatical do leitor, sobre os conteúdos específicos perante os quais está, é básico e necessário para uma leitura correta.

Para Vega *apud* Cruz (2007), o processo de análise sintática compreende três operações principais: a) atribuição das etiquetas correspondentes aos distintos grupos de palavras que compõem a frase (sintagma nominal, verbo, frase subordinada etc.); b) especificação das relações existentes entre esses componentes; e c) construção da estrutura correspondente, mediante a ordenação hierárquica dos componentes.

2.2.2. O módulo semântico

Após as palavras serem reconhecidas e relacionadas entre si, o

passo seguinte é o último dos que intervêm na compreensão da leitura e diz respeito à análise semântica, através da qual o leitor retira o significado da frase ou texto e o integra com os conhecimentos que já possui na sua base de dados. Esta é constituída pelas experiências e aprendizagens prévias e pelas emoções e motivações, que são elementos de imersão para que a informação que chega seja processada. Memória de longo prazo, sistema de armazenamento e base de conhecimentos são outros nomes atribuídos à base de dados.

3. Aspectos sociocognitivos e neurocientíficos da memória implicados na leitura

A memória envolve aspectos sociocognitivos e neurocientíficos. Considerando a hipótese da cognição distribuída (HUTCHINS, 2000), a memória é formada socialmente, nos processos de interações interpessoais, levando em conta, para tal, as características intrapessoais de cada ser humano que gravitam nas práticas interacionais discursivas da linguagem, filogenética e ontogeneticamente (CRUZ, 2007).

3.1. Conceituando memória

Segundo Izquierdo,

Memória são as ruínas de Roma e as ruínas de nosso passado; memória tem o sistema imunológico, uma mola e um computador. Memória é nosso senso histórico e nosso senso de identidade pessoal (sou quem sou porque me lembro quem sou). Há algo em comum entre todas essas memórias: a conservação do passado através de imagens ou representações que podem ser evocadas. (IZQUIERDO, 2002, p. 89)

Concordando com o neurocientista, memória é história, identidade, passado, presente como também futuro. A memória e o tempo se imbricam. Aquela trabalha neste em três dimensões diferentes. Uma memória do passado (dos balanços, dos lamentos, das recordações). Uma memória da ação (um presente, sempre evanescente). Por último, uma memória de espera (a memória dos projetos, das promessas, das esperanças e dos engajamentos em direção ao futuro) (CANDAU, 2012).

Na linha do tempo, a memória se consolida ou se armazena no cérebro a partir das experiências individuais dos homens. Para Izquierdo (2002), a memória dos homens é o armazenamento e evocação de informação adquirida através de experiências; a aquisição de memórias de-

nomina-se aprendizado.

A memória pode ser chamada também de modos de “mais-significar”, ou de reiteração significativa. A memória é assim, a historicidade da vida, que capta as formações discursivas como excesso do que se queria fazer, dizer e pensar, excesso que abre aos outros a possibilidade de retomada e de criação. Memória é história. O ser sociocognitivo se faz na percepção do tempo e do espaço. “A memória se faz do excesso, do vir a ser de algo a mais; a memória é então luz, é *lógos*, é busca do não-esquecimento (*ἀλήθεια*)” (OLIVEIRA, 2013, p. 65).

As memórias, como representações das experiências aprendidas, vividas, compartilhadas, construídas socialmente, são armazenadas e evocadas por neurotransmissores em muitas áreas e subsistemas cerebrais. Tudo isto indica que diferentes memórias utilizam diferentes vias e processos tanto para sua aquisição como para sua evocação. Há certas estruturas e vias (o hipocampo, a amígdala, e suas conexões com o hipotálamo e o tálamo) que regulam a gravação e evocação de todas, de muitas, ou pelo menos da maioria das memórias. Este conjunto de estruturas constitui um sistema modulador que influi na decisão, pelo sistema nervoso, ante cada experiência, de que deve ser gravado e de que deve ou pode ser evocado. O hipocampo e a amígdala estão interligados entre si e recebem informação de todos os sistemas sensoriais: em parte provenientes do córtex, e, em parte, de forma inespecífica quanto à modalidade sensorial, desde a formação reticular mesencefálica (IZQUIERDO, 2002).

3.2. Tipos de memória

Há, talvez, vários tipos de memória. Muitos estudiosos a classificam de diversas formas. Considerando os tipos apresentados por Izquierdo (2002), a memória pode ser classificada quanto ao tempo e o tipo de informação.

Quanto ao tempo, a classificação habitual de acordo com o tempo transcorrido entre sua aquisição e o momento em que são evocadas: *memória imediata* (segundos, minutos); *memória recente* (horas ou poucos dias); e *memória remota* (semanas, meses, anos).

Por seu lado, quanto ao conteúdo, as memórias dividem-se em procedurais (“saber como”), ou seja, a memória de procedimentos (por exemplo, a direção dos olhos durante a leitura, da esquerda para a direita,

ou ainda, o movimento das mãos sobre o teclado de um computador durante a digitação), e declarativas ("saber que"). As memórias declarativas, por sua vez, são divididas em episódicas e semânticas. As memórias episódicas são autobiográficas. São as lembranças de situações vividas (memória de eventos ou episódios). Já conhecimentos sobre literatura, gênero lírico, etc. são memórias semânticas ou de índole geral e estão armazenadas em forma de proposições.

3.3. Neurônios da memória e da leitura

Os neurônios da região occípito-temporal esquerda reconhecem a forma visual das palavras. Eles distribuem as informações visuais a numerosas regiões, distribuídas por todo o hemisfério esquerdo (implicadas na representação do significado, da sonoridade e da articulação das palavras) (DEHAENE, 2012).

3.4. Sinapses da memória

Cada neurônio possui arborizações, os detritos, pelas quais ele escuta as informações de milhares de outros neurônios com os quais está em contato (DEHAENE, 2012). Os sinais que formam as memórias e os pensamentos se movimentam por meio de uma célula nervosa individual como uma minúscula carga elétrica. Os neurônios entram em contato com outras células nervosas por meio de sinapses elétricas e químicas, os chamados neurotransmissores.

3.5. Plasticidade neural

É o nome dado à capacidade que os neurônios têm de formar novas conexões a cada momento. À medida que melhora a leitura, a ativação da região occípito-temporal esquerda aumenta. A leitura modifica as regiões ativadas, a anatomia do cérebro: o corpo caloso se espessa na parte posterior que conecta as regiões parietais dos dois hemisférios. A aprendizagem da leitura aumenta a memória (DEHAENE, 2012).

4. Estratégias sociocognitivas de leitura poética para a formação de um leitor proficiente

A leitura, parafraseando Rezende (1998), é um ato sociocognitivo

em que envolve processos cognitivos múltiplos, como percepção, reflexão, motivação, vocalização (processos fonológicos), preditibilidade ou conhecimento prévio, memória e imaginação, que atuam sobre um conjunto complexo de componentes neuronais; como também envolve processos ou atos sociais, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, a partir de objetivos socialmente determinados e determinadores.

As estratégias de leitura são classificadas em *estratégias cognitivas e estratégias metacognitivas*. Estas são as operações realizadas com algum objetivo em mente, sobre as quais o leitor tem controle consciente, podendo, assim, dizer e explicar sua ação. As cognitivas são as operações inconscientes do leitor, são ações que ele realiza para atingir algum objetivo de leitura sem estar ciente, ocorrendo de modo automático. Essas operações são realizadas de forma estratégica e não através de regras (KLEIMAN, 2013, 2013a).

Considerando que a leitura envolve procedimentos e estratégias, Solé (1998) compartilha a ideia de que as estratégias se situam no polo extremo de um contínuo, cujo polo oposto conteria os procedimentos mais específicos, aqueles cuja realização é automática e não exige o controle nem o planejamento prévio que caracteriza as estratégias (entendidos no contexto desta discussão como processos cognitivos de nível inferior (módulos perceptivo e léxico) e de nível superior (módulos sintático e semântico).

A partir de estudos de Souza (2010), Zunthor (2007), Smolka & Nogueira (2011), Rosa e Camargo (2012), considera-se, neste estudo, que integra parte da nossa dissertação de mestrado, a percepção, a vocalização, a preditibilidade e a imaginação como estratégias sociocognitivas de leitura do texto poético, uma vez que envolvem processos cognitivos e interacionais, firmados em aspectos da memória. A abordagem sobre cada estratégia aqui será suprimida em razão do espaço para publicação.

5. Metodologia

Quanto aos procedimentos metodológicos, optou-se pelo enfoque qualitativo a partir de uma pesquisa-ação. Thiollent (2002) expõe que a pesquisa-ação caracteriza-se por ser uma linha de investigação associada às formas de ação coletiva, orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação. Supõe, portanto, além da partici-

pação do pesquisador, uma forma de ação planejada. Nesse tipo de pesquisa, conforme o autor, “os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas” (THIOLLENT, 2002, p. 15).

Com relação às formas de documentação é importante ressaltar que na pesquisa-ação tanto os participantes do processo investigativo quanto o próprio processo possuem papel de extrema importância para a validade do resultado da pesquisa científica. A este respeito, Thiollent salienta que

[...] os participantes não são reduzidos a cobaias e desempenham um papel ativo [...] trata-se de uma forma de experimentação na qual os indivíduos ou grupos mudam alguns aspectos da situação pelas ações que decidiram aplicar. Da observação e da avaliação dessas ações, e também pela evidenciação dos obstáculos encontrados no caminho, há um ganho de informação a ser captado e restituído como elemento de conhecimento. (THIOLLENT, 2002, p. 21-22)

É válido ressaltar sobre a importância de atentar-se à questão da subjetividade do pesquisador, comumente levantada com relação à pesquisa qualitativa. Por isso, o pesquisador deve seguir algumas orientações de Lüdke e André (1986), tais como: deixar claro os critérios utilizados para selecionar, dentre os dados coletados, os que julga ter maior relevância para o seu trabalho; em que medida tal estudo o afetou; e observar as mudanças que por ventura aconteçam com relação aos seus pressupostos, valores e julgamentos. Tais atitudes devem-se ao fato de que, segundo as autoras, os cuidados com a objetividade afetam diretamente a validade do estudo.

O *corpus* deste trabalho será coletado *in loco* pelo pesquisador por meio de ferramentas de coleta de dados como diário de pesquisa, materiais didáticos dos alunos, filmagem de aula, plano de aula, ministração de aulas. Por meio da pesquisa-ação, o pesquisador inserir-se-á em sala de aula, onde implementará o *Projeto de Leitura Poesia e Memória* durante 12 horas aulas de leitura, na turma do 9º ano do ensino fundamental do Colégio Girassol de Tempo Integral Augusto dos Anjos, no último quartel de 2014.

6. Resultados esperados

Esperamos com esta pesquisa trazer uma contribuição para o processo de leitura em sala de aula, especificamente com a palavra poética.

Fazer fruir a poesia, pela forma, pela essência, pelo prazer ou pela musicalidade, possibilita a existência do duplo, a abertura intelectual fonologicamente dos discentes.

As discussões aqui apresentadas, muito embora estejam ainda na fase embrionária (dissertação de mestrado em andamento, na fase de revisão de literatura), apresentam investigações realizadas até o presente momento sobre estratégias sociocognitivas de leitura que permitem ao leitor das séries finais do ensino fundamental a compreensão do texto poético, a fim de se engajar na sociedade que impõe, diuturnamente, mais exigências de leitura.

7. Considerações finais

Nosso objetivo, neste artigo, foi apresentar aspectos teóricos das investigações iniciais sobre estratégias sociocognitivas de leitura da poesia no 9º ano do ensino fundamental para a formação de um leitor proficiente. O trabalho com estratégias no contexto escolar possibilita aos alunos a melhoria da compreensão de um texto durante a leitura. Trabalhar estratégias de leitura favorece o desenvolvimento de habilidades sociocognitivas, cristaliza a arquitetura neural e traz plasticidade aos neurônios da leitura/memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDAU, J. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- COMPAGNON, A. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad.: Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- CRUZ, V. *Uma abordagem cognitiva da leitura*. Lisboa/Porto: Lidel, 2007.
- DEHAENE, S. *Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler*. Trad.: Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.
- HUTCHINS, Edwin. Distributed cognition. In: SMELSER, N. J.; BALTES, P. B. (Orgs.). *International encyclopedia of the social and behavioral sciences*. Oxford: Elsevier Sciences, 2000. Disponível em: <http://www.artmap-research.com/wp-content/uploads/2009/11/Hutchins_DistributedCognition.pdf>. Acesso

em: 15-03-2014.

IZQUIERDO, I. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

KLEIMAN, A. *Oficina de leitura, teoria e prática*. São Paulo: Pontes, 2013.

_____. *Texto e leitor: estratégias cognitivas da leitura*. 15. ed. Campinas: Pontes, 2013a.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, L. R. P. F. de. Memória: a deiscência da percepção. Vertentes & interfaces I: estudos literários e comparados. *Fólio – Revista de Letras*. Vitória da Conquista, vol. 5, n. 1, p. 63-80, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/view/1873>>. Acesso em: 11-05-2014.

REZENDE, L. *Desenvolvimento de habilidades cognitivas e metacognitivas de leitura em softwares e webs educativos*. 1998. Disponível em: <<http://www.c5.cl/ieinvestga/actac/tise98/html.trabajos/desenv/index.htm>>. Acesso em: 19-04-2014.

ROSA, O. R. M; CAMARGO, G. O. de. Vocalização de poesia: para uma pedagogia do poema. In: CARDOSO, J. B. (Org.). *Olhares críticos sobre a literatura na prática docente*. Goiânia: Gráfica e Editora América/Ifiteg, 2012.

SMOLKA, A. L. B.; NOGUEIRA, A. L. H. (Orgs.). *Emoção, memória, imaginação: a constituição do desenvolvimento humano na história e na cultura*. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. Trad.: Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, R. J. de. (Org.). *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

ZUNTHOR, P. *Performance, recepção, leitura*. Trad.: Jerusa Pinheiro e Suely Fenerich. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.